

# **Revista Internacional de Formação de Professores (RIPF)**

**ISSN: 2447-8288  
v. 2, n.1, 2017**

## **Resenha**

**DEMO, Pedro. Metamorfoses, glórias e incompletudes do autor. São Paulo: Edições Hipótese, 2016.**

Submetido em 10/01/2017

Avaliado em 15/01/2017

Aceito em em 24/02/2017

Michel Carvalho da Silva

Doutorando em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade  
Federal do ABC (UFABC)  
Mestre em Ciências da Comunicação pela  
Universidade de São Paulo (USP).  
Contato: [michel.carvalho@ufabc.edu.br](mailto:michel.carvalho@ufabc.edu.br)

Pedro Demo, professor aposentado do Departamento de Sociologia e professor emérito da Universidade de Brasília (UnB), é uma referência no campo da metodologia científica e da pesquisa em educação. Autor de mais de 80 livros em sua vasta carreira acadêmica, em “Metamorfoses, glórias e incompletudes do autor”, Demo discute a ideia de autoria como referência fundamental para a aprendizagem voltada para a construção da cidadania e do conhecimento.

O professor divide o livro em dois capítulos: “debates da autoria” e “autoria e aprendizagem”. No primeiro, ele discute o conceito a partir de múltiplos olhares epistemológicos, da literatura até a estética, passando pela filosofia e a história, rememorando debates que vão desde a antiguidade grega até ao pós-moderno, ressaltando as metamorfoses infundáveis e inconclusas da ideia de autoria. Na segunda parte, Demo relaciona autoria e aprendizagem, refletindo sobre o papel da educação na construção de um sujeito emancipado, capaz de ser autor de suas escolhas e pontos de vista. Nesse capítulo, o professor ainda chama a atenção para as novas tecnologias de informação e comunicação como ambientes facilitadores da autoria.

Nas primeiras páginas, Demo recorre à alegoria do pecado de Adão e Eva para mostrar como o conhecimento é hierarquizado socialmente. Nessa perspectiva, o saber é considerado uma exclusividade divina, assim, a criatura, ao buscar inverter essa lógica, afronta o criador ao desejar o conhecimento proibido. Demo, em consonância com Paulo Freire, defende uma educação emancipatória, que leve o ser humano a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço: “conhecimento que emancipa é aquele que se rebela, confronta, tornando o oprimido autor de proposta própria ou projeto alternativo” (2016, p. 8).

Ao dialogar com a tese de “morte do autor” de Roland Barthes, Demo lembra que qualquer texto é feito de outros textos, assim como toda mente é tecida de outras mentes pela linguagem, cultura, vivências comuns que formam o capital cultural que constrói qualquer discurso. Dessa forma, para Demo, somos mais coautores do que autores propriamente.

Autor é mistura de alteridades e individualidades, por sua condição cultural, biológica e genealógica, não sendo viável falar de um pedestal sozinho – toda fala pressupõe fala anterior da qual somos também eco, não só autor (Demo, 2016, p.14).

Demo pensa a questão da autoria, tendo como referência a obra de Seán Burke. Este pensador canadense considera que o artista ou escritor se comporta como um instrumento da criação divina, não cabendo a ele/ela, um mérito autoral exclusivo por suas realizações. O trabalho intelectual, para Burke, seria mais uma revelação pública de um saber transcendental do que uma intuição de viés particular. O autor, nesta perspectiva, é uma figura situada, estando entre um passado do qual é herdeiro, um presente no qual se move sofrendo influência, e um futuro que auxilia a construir/desconstruir, ambíguo e aberto.

Após refletir sobre a complexidade do conceito de autoria, Demo discute de forma mais enfática acerca de ambientes de aprendizagem que promovam a formação do aprendiz como autor. O professor afirma que as grandes teorias de aprendizagem são tipicamente autorais, no sentido de estimular a construção do conhecimento próprio. No entanto, nas palavras de Demo, ainda hoje predomina a pressão mercadológica e instrucionista do repasse de conteúdo como atividade crucial da escola.

Para Demo, a questão da autoria está ligada ao próprio projeto emancipatório, embora, muitas vezes, as práticas pedagógicas no cotidiano escolar ainda continuem sendo dogmáticas, imperando a visão de que o conteúdo é transmitido exclusivamente via aula. Como contraponto, o professor traz à baila Mezirow, sociólogo pioneiro da teoria de aprendizagem transformadora, que conta com trabalhos importantes no campo da educação de adultos.

A aprendizagem transformadora de Mezirow se aproxima dos pressupostos da educação emancipadora de Freire, em que se valoriza a politicidade<sup>1</sup> da aprendizagem. Nesse processo, os alunos são capazes de construir sua própria história individual e coletiva, deixando claro que apreender é ser livre e autônomo. Demo, dialogando com esses autores, condena aquilo que ele chama de “educação pobre para o pobre”, ou seja, quando se nivela por baixo em nome da universalização do acesso. Ele defende que ciência se aprende fazendo ciência. Desse modo, o aluno, desde cedo, precisa se familiarizar com método científico, linguagem acadêmica, experimentação, laboratório e, com isso, ter condições para refletir sobre o desafio da produção própria de conhecimento.

Em relação ao uso das tecnologias como reforço do ensino autoral, Demo considera que a Wikipédia já é um exercício consumado de autoria, em que voluntários de diferentes tipos se congregam para produzir colaborativamente uma enciclopédia, que se mantém sempre aberta à edição e é gratuita. Apesar disso, o professor ainda vê que grande parte do uso das novas tecnologias continua instrucionista, servindo apenas para enfeitar a aula caduca e digitalizar apostilas mortas.

Demo lista 16 dimensões que ajudam a refletir sobre as ambiguidades da autoria. São elas: não existe o autor consumado e completo; autorias possuem tipicamente validades relativas; autoria é um feixe de autores; não se mata a o autor; autoria não deveria ser propriedade; autoria mais estratégica é a que se faz para continuar aprendendo; autoria implica emancipação; autoria é facilmente soberba; autoria abriga contradições por conta de sua complexidade; autoria se manifesta em qualquer iniciativa possível; as matizes da autoria são infinitas; autorias mais pretensiosas buscam provocar mudança; autores são mais descobridores do que criadores; o autor eurocêntrico tem pretensões patriarcais; autores tendem a exagerar sua autoconsciência; e autorias virtuais sinalizam

---

<sup>1</sup> Para Demo (p. 118), “Politicidade (Demo, 2002a) refere-se à propriedade autopoietica de conquista de espaço próprio, no confronto com pressões/limitações de fora e de dentro”. Ao longo do seu livro, Demo recorre à este termo diversas vezes e procura esclarecê-lo, em profundidade, na seção 2.6.

outras metamorfoses. O que se observa, quando se fala de autoria, é uma disputa por espaços de poder e influência, que afeta tanto o mercado quanto o mundo da ciência.

Por fim, o autor conclui que os pais devem investir tudo no processo de autoria dos filhos, para que possam, cada dia mais, tomar o destino em suas mãos. “O fundamental é a ajuda que torna o ajudado capaz de dispensar a ajuda” (Demo, 2016, p.135). Para isso, a aprendizagem deve partir do estudante, não de teorias prévias, modelos acabados e posicionamentos intocáveis. Num tom redentorista, Demo afirma que a glória de um professor é ver seu aluno ultrapassá-lo, isto é, não se quer discípulos, mas novos mestres. Ele, então, finaliza: “Fazer de um estudante um autor é a maior glória do educador autor”.